

# EXISTE TRABALHO PERFEITO?

Não. Nem vocação que se ajuste aos nossos sonhos. É o que defende o escritor Roman Krznaric. Mas, ele ressalta, isso não é motivo para desistir de encontrar uma carreira que dê um propósito à vida. E como? Jogando-se no mundo real, porque nada substitui a experiência

POR CAROL VAISMAN • FOTOS JORDI ADRIA

**E**ra o que muitos suspeitavam: a ideia de que existe um trabalho perfeito para cada um de nós, que se ajuste perfeitamente à nossa vocação, não passa de mito. A dura tese é do pensador cultural e escritor Roman Krznaric, um dos fundadores – ao lado do filósofo e escritor Alain de Botton – da badalada escola londrina de cursos The School of Life, cujos temas das aulas viraram coleção de livros. No recém-lançado no Brasil *Como Encontrar o Trabalho da Sua Vida* (Objetiva, 176 págs., R\$ 26,90), ele diz, entretanto, que vale a pena tentar encontrar um emprego, uma carreira, que dê um propósito e significado à nossa vida – mesmo que as eventuais frustrações não sejam eliminadas. Mesmo assim, a tarefa não é

fácil, claro. Nunca, em nenhuma época, as pessoas disseram estar tão infelizes profissionalmente quanto hoje. “O problema é que, por termos muito mais opções de trabalho do que no passado, nossas expectativas são exageradas – e o nível de desapontamento também”, diz o australiano radicado em Oxford, na Inglaterra. Krznaric é consultor da Organização das Nações Unidas e de outras entidades ligadas ao trabalho, e suas aulas na School of Life estão sempre entre as mais concorridas. Existe uma saída para tanta frustração? Talvez não para todos, mas nunca se sabe. “Um dos principais conselhos de carreira”, ele diz, “é agir primeiro e pensar depois. O que importa é se jogar no mundo real para construir uma vocação e achar um trabalho satisfatório.” >

“A maneira como as pessoas descobrem suas vocações, quando isso acontece, é por meio de um longo processo de tentativas e erros”

## **LOLA: É possível mesmo encontrar o trabalho da nossa vida?**

**Roman Krznaric:** A citação clássica sobre isso é atribuída a Confúcio, que disse: “Escolha um trabalho que você ame e você nunca terá que trabalhar um dia em sua vida”. Isso não seria bom? A ideia de que existe um trabalho perfeito para cada um de nós é um dos grandes mitos do trabalho. É impossível. Para a maioria das pessoas que têm trabalhos satisfatórios, eles podem ser uma luta, porque envolvem desafios a serem superados. Podem ser cheios de frustrações, mas também significativos. Como o filósofo alemão Nietzsche escreveu: “Aquele que tem um porquê para viver pode suportar quase tudo”.



**"Hoje, as pessoas esperam que o trabalho dê propósito às suas vidas"**

## **Qual a diferença entre a ideia do trabalho que temos hoje e a que existia no passado?**

Nos séculos passados, trabalho era visto como sinônimo de sofrimento – um meio para chegar a um fim, não algo que era importante por si só. Isso fica claro na origem da palavra. *Travail*, em francês, e trabalho, em português, derivam de *tripalium*, um instrumento romano de tortura. Da mesma forma, a palavra russa, *robot*, vem de *rab*, escravo. Mas no século 20 surgiu a ideia de que trabalho é mais do que salário, mais do que apenas um meio para um fim. Agora, muitas pessoas esperam que o trabalho deem um propósito às suas vidas, com base em seus valores, talentos e paixões. É uma mudança extraordinária. Trabalho virou parte da arte de viver.

## **Mas hoje somos mais reclamões, não?**

Sim. Nas gerações passadas, quando as expectativas em relação ao trabalho eram menores, as

reclamações também eram baixas. Hoje, no mundo ocidental, 60% das pessoas dizem estar insatisfeitas com o emprego. São níveis recordes. A questão é que, se elevamos demais as expectativas, a probabilidade de nos desapontarmos é maior. Mas não devemos nos conformar com o fato de que trabalho é penoso. Vale a pena tentar encontrar um emprego que seja grande o bastante para nosso espírito.

## **Por que passamos a procurar esse propósito?**

Porque as pessoas estão percebendo que a busca por dinheiro falhou como garantia de qualidade de vida e felicidade. Temos a tendência de sermos pegos no que os psicólogos chamam de “esteira

hedonista”. Nós trabalhamos duro para ganhar dinheiro suficiente para comprar bens materiais, na crença de que eles vão nos fazer felizes. Porém, assim que conquistamos, teremos um aumento de curto prazo de satisfação. Em seguida, a felicidade cai novamente. É um ciclo vicioso. Um jeito de escapar disso é encontrar o trabalho que não seja atraente por causa do salário que oferece, mas por causa do significado que tem.

## **Mas não é possível que o dinheiro seja, para algumas pessoas, a maior fonte de satisfação?**

Quando questionadas sobre o que lhes dá satisfação no trabalho, as pessoas raramente colocam dinheiro no topo da lista. Em uma pesquisa feita com trabalhadores da Europa, Estados Unidos, China, Índia e Brasil, conduzida pela consultoria Mercer, a remuneração aparece em sétimo lugar em uma lista de 12 fatores. O que realmente parece importar é a qualidade de seus relacionamentos no ambiente de trabalho: tanto o “respeito” quanto “os colegas de trabalho” encabeçam essa lista.

## **Em seu livro, você diz que o grande número de alternativas que temos é uma outra causa da insatisfação. Mas ter mais opções não é sempre melhor do que ter poucas?**

Só temos esse desejo de satisfação quando temos liberdade de escolha. Meu pai era um refugiado polonês na Austrália, logo após a Segunda Guerra.

Teve pouca oportunidade de trabalhar usando seu talento como músico, então se tornou contador. Para ele, não se tratava de encontrar um significado profundo no trabalho. Mas nossa geração, que tem mais oportunidades, pode se dar ao luxo de procurar satisfação no trabalho. O que acho fascinante é que, mesmo com mais escolha, pode ser difícil decidir qual caminho seguir. Muitas vezes nos preocupamos tanto em não fazer a escolha errada que acabamos fazendo qualquer escolha e ficamos no mesmo emprego.

## **É perigoso apostar todas as fichas no emprego? Como não fazer isso?**

No século passado, nos foi dito que a melhor forma de usarmos nossos talentos era nos tornando grandes especialistas em um campo estreito, como um anestesista. Mas muitas pessoas vêm sentindo que essa especialização não dá conta de tudo que são. Para elas, é melhor ser um empreendedor em diversas áreas. Eu as comparo aos generalistas renascentistas, como Leonardo da Vinci, que foi retratista, projetor de máquinas e anatomista. Hoje, pessoas assim são chamadas de trabalhadores com portfólio. Acredito que essa seja a opção mais inteligente, não só porque nos permite nutrir todos os nossos lados mas também porque pode diminuir o risco em um mercado de trabalho inseguro.

## **Você diz que existem três elementos para uma carreira feliz: sentido, fluxo e liberdade. O que é isso?**

“Sentido” é você fazer um trabalho que usa seus talentos e coloca seus valores em prática. Como o filósofo Aristóteles disse: “Onde as necessidades do mundo e os seus talentos se cruzam, aí está a sua vocação”. “Fluxo” é um termo associado ao psicólogo húngaro-americano Mihaly Csikszentmihalyi, e é sobre se engajar em atividades em que você se sinta totalmente confortável – como um atleta que está tão absorvido no que faz que o sentido de tempo desaparece. E a liberdade é trabalhar de uma maneira que faz você se sentir como um ser humano autônomo que pode nutrir os vários lados de si mesmo, e não estar sujeito à autoridade. Algumas pessoas preferem trabalhar de freelancer em vez de numa grande empresa. Para outras, o objetivo é encontrar um emprego que seja flexível o bastante para lhes dar a liberdade

suficiente para gastar tempo cuidando de seus filhos ou alimentando seu ego criativo.

## **Você já foi infeliz no trabalho?**

Eu fiz algumas escolhas horríveis na minha carreira! Trabalhei como jornalista econômico, mas não resisti ao estresse. Depois, trabalhei como professor universitário, ensinando sociologia e política, mas a burocracia me deixou louco! Também tentei ser jardineiro e carpinteiro, e por alguns anos fiz trabalho em direitos humanos na Guatemala com índios maias e refugiados de guerra. Minha abordagem geral tem sido a de tratar minha vida profissional como uma experiência. Não quero viver com pesar e estar em uma posição em que, no fim da minha carreira, eu olhe para trás e me arrependa de ter ficado por 40 anos no mesmo emprego.

## **Vocação existe?**

Também acho que a ideia de encontrar uma vocação é um mito. Às vezes, pensamos que o trabalho ideal aparecerá para nós em um lampejo de inspiração: você está deitado na cama e de repente percebe: “Vou dedicar minha vida a escrever livros sobre culinária chinesa!”. Isso raramente acontece. A maneira como as pessoas descobrem suas vocações, quando isso acontece, é por meio de um longo processo de tentativas e erros. As pessoas fazem crescer suas vocações em vez de tentar achá-las.

## **É dá mesmo para achar o trabalho da sua vida lendo um livro como o seu?**

Ler um livro ou assistir a uma aula geralmente é apenas uma parte da viagem que as pessoas fazem em seu caminho para a mudança de carreira. Há também conversas com pessoas, lutas internas e experiências com trabalhos diferentes. O que importa mesmo é se jogar no mundo real, pois nada substitui a experiência. Acho que precisamos “agir primeiro, pensar depois” – este é um dos principais conselhos de carreira mundo afora. Uma pessoa que eu entrevistei, infeliz em seu trabalho como administrador, se deu de aniversário de 30 anos um presente incomum: experimentar 30 trabalhos diferentes em um ano. Entre as coisas que ela tentou, estava ser gerente de um hotel para gatos e assessora de um membro do Parlamento Europeu. Acho que esse ano de experimentações foi um ano sabático radical. Não seria legal fazer isso? 🍀